

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

AYRTON FÉLIX DO ESPIRITO SANTO SILVA

DISCORDIANISMO:
O CULTO MODERNO À DEUSA ÉRIS

Orientadora: Prof. Rosa Maria de Aquino

RECIFE

2021

AYRTON FÉLIX DO ESPIRITO SANTO SILVA

DISCORDIANISMO:

O CULTO MODERNO A DEUSA ÉRIS

Artigo apresentado pelo aluno **Ayrton Félix do Espírito Santo Silva** ao Curso de Ciências Sociais da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão de curso.

Orientadora: Prof. Rosa Maria de Aquino

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586d

Silva, Ayrton Félix do Espírito Santo

Discordianismo: O culto moderno a deusa Éris. / Ayrton Félix do Espírito Santo Silva. - 2021.
26 f. : il.

Orientadora: Rosa Maria de Aquino.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2021.

1. Discordianismo. 2. Éris. 3. Religião e contemporaneidade. I. Aquino, Rosa Maria de, orient. II. Título

CDD 300

AYRTON FÉLIX DO ESPIRITO SANTO SILVA

“DISCORDIANISMO: O CULTO MODERNO À DEUSA ÉRIS”

TCC apresentado ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: 21/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosa Maria de Aquino
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Examinadora: Prof^a. Dr^a. Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Examinadora: Prof^a. Dr^a. Roseana Borges de Medeiros
Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO

A religião é um assunto bastante discutido entre as ciências sociais durante décadas, e sua existência já foi assunto de estudo para vários teóricos do meio. Por conta disto, é importante darmos atenção também à ascensão dos novos movimentos religiosos que crescem cada dia mais em nossa sociedade. Portanto, este trabalho apresenta uma análise do discordianismo sob a ótica das ciências sociais, em particular da antropologia e seus estudos sobre religião, além de apresentar o conjunto de ideias, símbolos, mitos e crenças discordianas. Para alcançar este objetivo, este artigo foi construído por meio de uma análise documental do que seria o texto sagrado desta nova religião, o *Principia Discordia*. Escrito por Gregory Hill e Kerry Wendell Thornley, sob o pseudônimo de respectivamente, Malaclypse the Younger e Omar Khayyam Ravenhurst, os fundadores do discordianismo, para então apontar o que caracterizar o discordianismo como uma religião de fato.

Palavras chave: Discordianismo; Éris; Religião e Contemporaneidade.

ABSTRACT

Religion is a very debated topic among the Social Sciences for decades, and its existence has already been a subject of studies by numerous theorists. Consequently, it is also important to pay attention to the rise of new religious movements that are constantly growing in our society. Therefore, this article presents an analysis of Discordianism, under the look of the social sciences, particularly the look of anthropology and its studies about religion, besides introducing an array of ideas, symbols, myths, and Discordian creeds. To achieve this goal, this article was constructed through a documentary analysis of what would be the sacred text of this new religio, the *Principia Discordia*. Wrote by Gregory Hill and Kerry Wendell Thornley under the pseudonym Malaclypse the Younger and Omar Khayyam Ravenhurst respectively, which were the founders of Discordianism, To then point out what in fact characterizes Discordianism as a religion.

Keywords: Discordianism; Éris; Religion and Contemporaneity

Discordianismo: o culto moderno à deusa grega Éris.

Ayrton Félix do Espírito Santo Silva

Introdução

A religião é um assunto bastante discutido entre as ciências sociais durante décadas, e sua existência já foi assunto de estudo para vários teóricos do meio. Este tema fomenta muitas produções dentro da academia, principalmente sobre as grandes religiões, que acabam enriquecendo cada vez mais as ciências sociais como um todo. Porém é importante que ele não se limite apenas às grandes religiões ou à análise de religiões tidas como primitivas. Por conta disto, é importante darmos atenção também à ascensão dos novos movimentos religiosos (NMR) que crescem cada dia mais em nossa sociedade. Pensando nisto, se resolveu-se trazer o Discordianismo, uma religião de difícil definição que surgiu no início da década de 60 com a publicação do que seria seu livro sagrado, o *Principia Discórdia* (2017).

Portanto, este artigo se propõe a analisar o discordianismo sob a ótica da Antropologia em seus estudos sobre religião, além de apresentar o conjunto de ideais e crenças discordianas e discutir se o discordianismo é uma religião de fato. Por conta disto, nossa opção metodológica vincula-se ao campo das metodologias qualitativas de Pesquisa Social, pois consideramos mais adequadas ao nosso objeto de estudos na busca de construir a maior aproximação possível com o público o objeto e a problemática pesquisados. Uma vez que, consideramos que este é um caminho importante para captar as singularidades das experiências pesquisadas: em torno de que as pessoas se agrupam, como tecem os vínculos sociais, elaboram estratégias de ação e organização... (MINAYO, 2001).

Nesse campo metodológico, nossa intenção foi realizar uma pesquisa exploratória, já que há pouca informação acadêmica disponível sobre o tema em português. Utilizando de análise documental para compreender o Discordianismo através do seu livro sagrado e de sites online.

Essa opção tem contribuído para que, as intuições e especulações iniciais fossem adquirindo formas de conhecimentos à medida que a exploração do objeto pesquisado a partir de suas próprias publicações foram compondo um amplo leque de informações necessários ao conhecimento do fenômeno estudado. Como nos lembra Antônio Carlos Gil (2008): Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

No nosso caso, decidimos assumir como procedimentos metodológicos, a análise documental, partindo-se das próprias publicações do *Principia Discordia* (utilizamos publicações e não entrevistas ou outro instrumento de coleta de dados devido a esse período da pandemia e o necessário distanciamento social). Uma vez que, ainda conforme Gil (2008), a pesquisa documental é muito parecida com a bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes, pois esta forma (documental) vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

Por seu caráter cômico, irônico e muitas vezes absurdo o discordianismo muitas vezes é tido como uma religião disfarçada de piada ou uma piada disfarçada de religião. O que levanta a seguinte pergunta: **O Discordianismo é de fato uma religião?**

1. O Fenômeno religioso e as Ciências Sociais

Desde a nossa infância é comum a palavra "Religião" atravessar nossas bocas e ouvidos de uma maneira natural e quase imperceptível, por conta disto muitas pessoas acabam desenvolvendo algum ideal de religião baseando-se apenas no que vê e ouve, que por sua vez, geralmente abrange apenas as grandes religiões ou aquela que a pessoa possa estar inserida ou tenha conhecimento. Portanto, quando se fala sobre este assunto, deveremos levar em conta que alguém pode chegar a este tema pela primeira vez e para esta pessoa religião pode se resumir a " pensar sobre a crença em um Deus ou deuses, em espíritos sobrenaturais ou em uma vida após a morte. " (PALS, 2019, p.24). Frente a isto faz-se necessário levantar algumas questões do que trataremos aqui como “religião” antes de prosseguirmos neste artigo; para nos ajudar neste quesito, evocaremos aqui algumas ideias sintetizadas pelo Sociólogo Anthony Giddens, pelo historiador das religiões Mircea

Eliade e pelo Antropólogo Jack David Eller, todos possuindo uma grande contribuição para as ciências sociais através de seus trabalhos.

O sociólogo Anthony Giddens em seu livro *Sociologia* (2008) faz um belo trabalho se debruçando sobre o conceito de religião e explica de uma maneira breve, mas objetiva o que é e o que não é religião. Segundo Giddens (2008), há quatro pontos importantes a serem levantados sobre o que não é religião. Em primeiro lugar, a religião não é a crença em um único Deus (monoteísmo). Na maioria das religiões há mais de uma divindade que se relaciona com o fiel e até mesmo em alguns braços do cristianismo há mais de uma figura imbuída de qualidades sagradas; vide o exemplo dos católicos que expandem a sua devoção não somente a figura soberana de Deus, mas também a Jesus, o Espírito Santo - formando a doutrina trina -, os anjos e uma vasta gama de santos. Enquanto isto há religiões que sequer possuem divindade alguma, como o Budismo e o Confucionismo. O segundo ponto levantado pelo autor é de que as religiões não devem significar apenas os preceitos morais que moldam e controlam o comportamento de seus seguidores, como por exemplo os Dez Mandamentos entregues por Deus a Moisés, isto deixa a entender que os deuses estão inteiramente interessados com o nosso comportamento e com as formas que decidimos viver no plano terreno, mas esta ideia não é compartilhada por algumas outras religiões. O Terceiro ponto de Giddens (2008) afirma que não necessariamente uma religião precisa explicar o mundo desde a sua origem até como ele se tornou o mundo que conhecemos nem tão pouco precisa explicar a origem da existência humana. Sabemos que muitas religiões tem mitos de origem como estes, mas, há muitas outras que também não têm. O quarto e último ponto de Giddens (2008) é de que a religião não necessariamente deve ser identificada com o sobrenatural ou com o envolvimento de um plano que fuja do reino dos nossos sentidos, e como exemplo disto temos o Confucionismo, que tem suas ideias mais voltadas a aceitação do mundo natural e não se dispõe a buscar verdades que estão para além dele. Tendo em mente estes quatro pontos do que não é uma religião, podemos agora partir destes princípios para analisar em formas gerais o que vem a ser uma religião ou o que todas elas têm em comum.

Ainda segundo Giddens em seu livro *Sociologia* (2008) as religiões aparentemente partilham de algumas coisas em comum, sendo elas em primeiro lugar um conjunto de símbolos que invocam sentimentos de temor ou reverência ligados sempre a rituais e cerimônias realizados por uma comunidade de crentes. Sejam religiões providas de alguma divindade ou não, estes

símbolos, seres ou objetos existem e inspiram atitudes de temor ou admiração, além de todos eles serem alvos de explicação.

Os rituais também são um ponto compartilhado entre todas as religiões, eles são muito diversos e estão presentes em todas elas sejam de forma individual ou coletiva. Eles podem incluir desde orações, cânticos, canções ou até mesmo ingerir ou abster-se algum certo tipo de comida ou bebida. Algumas dessas coisas, mesmo que pareçam ações banais e comuns ao dia a dia, quando imbuídas com um manto sacro pelo crente passam a ser ações de fé e se distinguem da vida comum, saindo assim do campo *Profano* (Eliade, 1992) e passando a fazer parte do campo *Sagrado* (Eliade, 1992) e esta ideia de tornar sacro coisas banais as imbuindo de um significado não natural para aquela ação ou objeto é em grande parte a base do Discordianismo que veremos neste artigo, pois como bem exemplificou Giddens "Acender uma vela para honrar ou aplacar um deus é algo completamente diferente, no seu significado, do que fazer o mesmo para fornecer luz." (GIDDENS, 2008, p.536).

Ao falar de organizações religiosas, Giddens (2008) aponta que assim como existem vários tipos de religião diferentes para além do cristianismo, há também formas diferentes de organizações religiosas que já foram estudadas pelas ciências sociais. Estas formas de organização estão divididas em quatro categorias, cada uma com suas características próprias, são elas: as igrejas, as seitas, as denominações religiosas e os cultos.

As igrejas e seitas – continua Giddens - foram inicialmente apresentadas por Marx Weber e Ernst Troeltsch, onde a primeira aparece como um grande corpo estabelecido que se destaca por sua hierarquia formal e uma estrutura burocrática complexa. Em comparação as seitas são bem pequenas, possuindo um número bastante reduzido de funcionários e uma equidade entre os membros. Se comparadas entre si elas também possuem suas diferenças quanto ao modo de adesão de seus membros, sendo a igreja numericamente alimentada pelos filhos de seus fiéis enquanto a grande maioria dos membros de uma seita se junta a ela posteriormente por opção, a fim de encontrar a Verdade (GIDDENS, 2008).

Os outros dois conceitos de organização religiosa apontados por Giddens (2008) são a denominação religiosa e o culto. A denominação religiosa consiste em seitas que se mantiveram por algum período de tempo, mas perderam seu caráter de protesto e acabaram ganhando um certo

respeito por parte da sociedade e muitas vezes sendo inclusive reconhecidas pelas igrejas como um corpo religioso legítimo, o calvinismo é um bom exemplo neste caso. Já os cultos são os mais próximos do objeto de estudo do trabalho que pretendemos desenvolver aqui, pois se assemelham as seitas, mas tem seu foco em uma experiência mais particular e focada no indivíduo. "as pessoas não se juntam formalmente a um culto. Em vez disso, seguem teorias especiais ou modos prescritos de comportamento. Permite-se geralmente aos membros que mantenham outras ligações religiosas" (Giddens, 2008 p.544). Alguns cultos e seitas podem surgir de tradições quase desconhecidas ou de ideias próprias de um grupo ou líder espiritual, mas muitos deles tem como base ideológica as grandes religiões. Nas últimas décadas, as grandes igrejas tradicionais firmadas há séculos na sociedade, aparentemente têm perdido um pouco da sua força e em consequência disto tem aberto cada vez mais espaço para os novos movimentos religiosos (NMRs). "Os sociólogos utilizam o termo novos movimentos religiosos (NMRs) para se referirem ao conjunto de grupos religiosos e espirituais, cultos e seitas que surgiram nos países ocidentais, incluindo o Reino Unido, a par das religiões dominantes." (GIDDENS, 2008, p.556).

Estas características gerais sobre religião nos ajudam a apontar alguns aspectos sobre o tema de forma que não se limite apenas ao senso comum, mas para compreendermos o discordianismo precisamos trazer à tona a discussão do que é sagrado e do que é profano, pois este será o ponto chave para analisarmos o discordianismo neste trabalho.

Os conceitos de sagrado e profano mencionado anteriormente estão diretamente ligados a teoria de Mircea Eliade trazida em seu livro *O Sagrado e o Profano* (1992) onde o autor debate a dualidade e complexidade destes dois planos acentuando suas diferenças e mostrando como cada um deles implica em uma maneira de ser no mundo.

Para Eliade "o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história" (ELIADE, 1992, p.14) o que expressa a ideia de que o homem pode vir a conhecer dois modos de vida e duas concepções diferentes de mundo que giram em torno de um plano sagrado ou profano, e isto não necessariamente se limita apenas ao campo dos rituais e das crenças, mas pode ser transpassado para os símbolos, a moral e a ética (ELIADE, 1992).

O plano profano é onde se dá a maior parte da vivência humana. Este é o mundo

evanescente, frágil, caótico e sombrio que o homem faz seus trabalhos do dia a dia, suas coisas desimportantes, ordinárias e aleatórias. Em contrapartida o plano sagrado é o mundo oposto, onde o sobrenatural atua e o homem tem acesso ao poder e as coisas significantes, extraordinárias e eternas. Muitas vezes este local é considerado pelo homem pré-moderno como sendo o “mundo real” e por conta disto ele se cerca deste sagrado para poder viver o mais próximo possível da realidade.

O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia. A oposição sagrado/profano traduz se muitas vezes como uma oposição entre real e irreal ou pseudo real. (Não se deve esperar encontrar nas línguas arcaicas essa terminologia dos filósofos – real-irreal etc. –, mas encontra-se a coisa.) É, portanto, fácil de compreender que o homem religioso deseje profundamente ser, participar da realidade, saturar-se de poder. (ELIADE, 1992, p.14)

Este homem que vivia intensamente entre estes dois mundos é chamado por Eliade de *homo religiosus* e sua presença era encontrada principalmente em sociedades mais arcaicas, onde o trabalho é rural e cultivar a terra ou pescar é uma atividade diária, pois para estas sociedades o sagrado não é uma coisa distante, mas sim algo presente que servia inclusive como guia de onde morar, do que comer e de como manipular a natureza, sendo assim responsável pela manutenção de um povo e uma cultura. Este *homo religiosus* via a separação entre estes dos mundos de forma clara pois quando o sagrado se manifesta no mundo de forma real e perfeita – o que o autor nomeia de *Hierofania* -, deixa claro que tudo aquilo que é oposto a ele é profano (ELIADE,1992).

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa.” (Êxodo, 3: 5) Há, portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 1992, p. 17).

Mesmo que este comportamento seja mais evidente no modo de vida arcaico, uma parte destes traços não se perdeu com a modernidade e continua sendo reconhecido no homem religioso atual. “Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando o e tornando o real” (ELIADE, 1992, p.97). Ou seja, o homem religioso atual nada mais é que um descendente e obra do *homo religiosus* arcaico, e se mantém alguém que enxerga e vivencia o sagrado manifestado no mundo e compreende que as histórias das obras divinas ou semi-

divinas estão conservadas nos mitos, que se tornam um exemplo a ser seguido mesmo quando reduzidos ao nível mais simples. Os mitos, mencionados anteriormente, são - continua Eliade - uma forma de se contar uma história sagrada e, portanto, revelar um mistério. Um mito não é dito e sim revelado porque traz informações para o homem que não poderiam ser acessadas de outra forma (ELIADE,1992).

O mito proclama a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento primordial. [...] É por isso que o mito é solidário da ontologia: só fala das realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente. É evidente que se trata de realidades sagradas, pois o sagrado é o real por excelência. Tudo o que pertence à esfera do profano não participa do Ser, visto que o profano não foi fundado ontologicamente pelo mito, não tem modelo exemplar (ELIADE,1992, p.50).

Para o homem religioso, os mitos são modelos exemplares a serem seguidos, e muitas vezes se baseando neles o homem religioso molda o seu dia a dia, suas festividades e sua maneira de agir e de se portar no mundo. “Dizer um mito é proclamar o que se passou aborigine. Uma vez “dito”, quer dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta (ELIADE, 1992, P.50). Pois, para este tipo de homem o mito é uma verdade que acontece no âmbito sagrado, o seu desenrolar pode ser visto no mundo, seja na forma da criação de uma determinada fauna ou flora, uma ilha ou até mesmo o desencadeamento de uma guerra, como veremos na próxima sessão deste artigo.

Quando se trata de definir o que é religião, Eller (2018) aponta que a própria questão de definição não é algo propriamente real, pois seja de forma direta ou indireta ela é um fruto humano que conseqüentemente é fruto de uma cultura, por conta disto ela pode abranger mais ou menos conceitos e definições, mas não será de fato verdadeira. Portanto nenhuma definição de religião irá conseguir captar todos os âmbitos deste campo de estudo, pelo fato das religiões serem múltiplas e diversas. Contudo, há vários conceitos interessantes que o autor citado trás para que possamos entender algumas questões sobre a religião e as crenças religiosas.

Para Eller (2018) as religiões contêm conjunto de ideias e concepções sobre as coisas do mundo, expandindo estas concepções para o mundo natural e também para o mundo sobrenatural, englobando os seres, forças e fatos da realidade religiosa. São estas concepções de mundo que o autor chama de crenças religiosas.

As crenças religiosas (ELLER, 2018), são um subconjunto das crenças em geral e se interpretadas de um ponto de vista psicológico, nada mais são do que um estado mental presente

em um indivíduo, pois uma declaração de crença em algo, nada mais é do que uma declaração das representações mentais que estão presentes nesta pessoa. Esta crença seria então, um conjunto de ideias religiosas sobre entes que fundamentam determinado sistema religioso, sendo estes alguns tipos de força ou seres religiosos, como espíritos tanto humanos ou não humanos, que são capazes de prover algum tipo de destino, sorte ou energia. Por fim, podemos dizer que para Eller (2018) a religião é o meio que o homem usa para se relacionar com estes seres.

Estas contribuições trazidas por estes autores não têm a intenção de definir o que é religião. Como nas Ciências Sociais não existe uma resposta única para esta pergunta, estas contribuições foram trazidas com o intuito de exemplificar o que é o fenômeno religioso, para que se possa perceber seus vários aspectos. Sendo assim, podemos compreender a religião como um fenômeno que serve para ligar o ser humano a um mundo sagrado de forma individual ou coletiva através de símbolos e rituais.

2. O movimento Erisiano

Definir o Discordianismo em toda a sua complexidade pode ser uma tarefa difícil. Pois para uma religião tão caótica que incita a criação de diversas vertentes a própria ideia de definição não parece algo plausível. Sendo assim, essa sessão trata-se apenas de uma apresentação dos ideais e crenças discordianas a partir de uma análise documental do *Principia Discordia* (2017), seu texto sagrado.

A história do movimento discordianista tem início na década de 1960, quando os adeptos norte-americanos Gregory Hill e Kerry Wendell Thornley sob o pseudônimo de Malaclypse *the Younger* (ou Mal-2) e Omar Khayyam Ravenhurst (ou *Lord Omar*) publicam o que a partir daquele momento se tornaria o texto sagrado do discordianismo, o *Principia Discordia*. Um livro polêmico e artístico repleto de filosofias e teorias, muitas vezes disfarçadas sob o manto do humor e do absurdo. Este livro é o grande ponto de ignição, para, na medida do possível, compreender o ponto de vista discordiano, pois é nele em que são expostas as bases dos ideais desta religião que tem Éris como alvo de adoração, além de trazer em suas páginas os encontros e revelações que outros discordianos¹ tiveram com a deusa.

¹ Por serem adoradores da deusa Éris, The Younger (2018) também se refere a eles como “Erisianos”.

Para começarmos a explorar esta religião, provavelmente o melhor ponto de partida seja a deusa Éris, que além de patrona, dá nome a esta religião. No primeiro volume de seu livro *Mitologia Grega*, Brandão (1987) descreve Éris - ou Discórdia para os romanos - como uma divindade grega, sempre representada como um gênio alado do sexo feminino cuja a origem não há uma concordância. Hesíodo em seu poema *Os trabalhos e os Dias e Teogonia* descreve Éris como a primeira filha da noite (Nyx) e mãe de várias entidades conhecidas pelos antigos gregos como *Daemones* e entre elas estão - mas não se resumem a - insensatez (Até), as ambiguidades (Anfilogias), tristeza (Algea), juramento (Horcos) e a discussão (Hisminas). Para Homero, o nascimento da deusa vem de pais diferentes, pois, quando escreve *Iliada* ele aponta a deusa como uma filha de Zeus e Hera ao afirmar que a mesma seria irmã de Ares. (BRANDÃO, 1987) Mesmo sem uma concordância quanto a sua origem mitológica, o ponto principal permanece o mesmo, em todas as suas versões Éris é a deusa da discórdia e continua sendo cultuada assim pelos discordianos desde que Malaclypse e Omar afirmam ter recebido suas palavras em um sonho:

Eu vim lhes dizer que são livres. Muitas eras atrás minha consciência deixou o homem, para que ele pudesse se desenvolver sozinho. Eu voltei e encontrei este desenvolvimento próximo do fim, mas prejudicado pelo medo e pela falta de compreensão. Vocês construíram para vocês mesmos armaduras psíquicas; e protegidos por elas, sua visão é restrita, seus movimentos são atrapalhados e dolorosos, sua pele é ferida e seu espírito é grelhado pelo sol. Eu sou Caos. Eu sou a substância da qual seus artistas e cientistas constroem ritmos. Eu sou o espírito com qual cada uma de suas crianças e palhaços riem em feliz em anarquia. Eu sou Caos. Estou viva e lhes digo que são livres. (THE YOUNGER, 2017, p.00009)

O mito mais famoso envolvendo a deusa é comumente chamado de mito do Julgamento de Páris ou o mito do pomo da discórdia. Nesta narrativa – continua Brandão - Éris indignada por não ter sido convidada para o casamento de Peleu e Tétis resolve pôr as deusas gregas Afrodite, Atena e Hera uma contra a outra, entrando na festa e rolando uma maçã dourada com a palavra grega *καλλίστη*², fazendo com que as três deusas brigassem pela reivindicação da maçã. Zeus, para resolver a situação, chama Príamo o rei de Troia, que envia seu filho Páris, um príncipe troiano, para então decidir qual a mais bela das deusas. Segundo o mito, as três deusas tentaram subornar Páris. Hera ofereceu poder político para que ele fosse o maior rei já visto, Atena lhe ofereceu sabedoria e vitórias em batalha, enquanto Afrodite lhe prometeu o amor da mulher mais bela do mundo, que acabou sendo a escolha do jovem troiano. A questão é que tal mulher era Helena, a esposa de Menelau, um rei de Troia, cujo o sequestro foi o estopim do conflito que hoje é conhecido

² Significa “Para a mais bela” em uma tradução para o português.

como a guerra de Troia. (BRANDÃO, 1987)

Sendo chamada pelos discordianos de “Doutrina da Esnobada Original”, este mesmo mito é contado no *Principia Discordia* de uma forma mais jocosa e preenchida com elementos modernos, como por exemplo inserindo um cachorro-quente em meio ao mito “original” e afirmando que este foi o único consolo alimentício da deusa após ser esnobada, assim, o tornando um elemento sagrado e proibido para os erisianos (THE YOUNGER, 2017).

Diferente dos antigos gregos, os erisianos não tem uma visão fria e cruel da deusa, e The Younger a descreve no *Principia Discordia* (2017) como uma mulher esplêndida de olhos macios como plumas e profundos como a eternidade. Quando vislumbrado, seu corpo é descrito como uma espetacular dança de átomos e universos. Pirotécnicas de pura energia formam seus cabelos esvoaçantes e arco-íris se manifestam e se dissolvem junto de sua voz cálida e gentil. Eles não a enxergam como uma deusa má, mas sim como uma entidade brincalhona que costuma ficar de mal humor às vezes.

Como dito anteriormente, os erisianos cultuam a deusa da discórdia e tem um grande apreço pelo Caos, mas este Caos personificado em Éris está longe de significar bagunça ou destruição, mas sim o estado Verdadeiro (com v maiúsculo) da natureza. Para que possamos entender melhor este conceito é necessário se debruçar sobre dois princípios discutidos no *Principia Discordia*, que se mostram um ponto chave para a compreensão da epistemologia discordiana, são eles os princípios Éristicos e Anerísticos.

Estes dois princípios, são fruto da concepção discordiana de que a Ordem e Desordem são apenas conceitos criados pelo próprio homem e não definem a natureza real do Caos Puro. Segundo eles, os seres humanos observam o a realidade através de uma janela com grades construídas por ideias-de-realidade entregues a nós por nossa cultura. Filosofias diferentes usam grades diferentes e o conceito de ordem e desordem fazem parte desta grade. (THE YOUNGER, 2017)

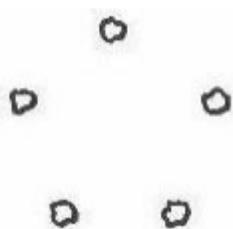
A Filosofia Ocidental preocupa-se tradicionalmente em contrastar uma grade com outra grade, e juntar grades na esperança de encontrar uma perfeita, que vai retratar toda a realidade, e vai, portanto, (dizem os ocidentais não iluminados) ser Verdadeira. Isto é ilusório, é o que nós Érisianos chamamos de ILUSÃO ANERÍSTICA. Algumas grades podem ser mais úteis do que outras algumas mais agradáveis do que outras, etc., mas nenhuma pode ser mais Verdadeira do que nenhuma outra. DESORDEM é simplesmente informação não relacionada vista através de alguma grade particular. Mas, como "relação", não relação é um conceito. Macho, como fêmea, é uma idéia sobre sexo. Dizer que macheza é "ausência de feminilidade", ou viceversa, é uma questão de definição e

metafísicamente arbitrária. O conceito artificial de não-relação é o PRINCÍPIO ÉRISIANO. A crença de que "ordem é verdadeira" e desordem é falsa, ou de alguma outra forma errada, é a Ilusão Anerística. Dizer o mesmo da desordem é a ILUSÃO ERÍSTICA (THE YOUNGER, 2017, p.00050).

Ou seja, um mesmo Caos se observado de pontos de vista diferentes pode parecer ordenado ou desordenado em algum aspecto, porque grades diferentes geram pontos de ordem e desordem diferentes. Isto acontece devido aos humanos usarem apenas uma ideia de verdade (com v minúsculo) para analisar a Verdade concreta.

Para exemplificar isto, é trazido abaixo o exercício mental chamado de Os Seixos de Starbuck, o mesmo exercício de pensamento que é proposto no *Principia Discordia* (2017).

Figura 1 - Os seixos de Starbuck



Fonte: *Principia Discordia* (2017)

A pergunta que nos é feita neste experimento é: Essas 5 pedrinhas realmente formam um pentágono?

Aquelas pessoas que baseiam a sua visão nos princípios Anerísticos diriam que sim. Aquelas influenciadas pela ilusão Erística diriam que não. Se ligadas de maneira alternada, a figura se torna uma estrela. Um discordiano pode ver tudo isto, mas entenderá que as três opções são verdadeiras ou nenhuma é verdadeira, porque afinal, o pentágono e a figura da estrela são só conceitos presentes em sua mente, e ele pode fazer destes conceitos o que bem entender. (THE YOUNGER, 2017)

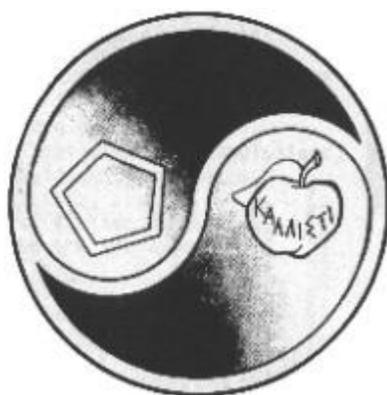
Estes conceitos baseiam o símbolo do *Cao Sagrado*, que além de representar o discordianismo graficamente também é o símbolo discordiano mais importante, pois é a chave de reflexão para se alcançar a iluminação erisiana, que será explicada nas próximas sessão deste artigo.

O Cao³ Sagrado é um compilado de referências postas em um único símbolo que tem sua

³ nos textos discordianos a palavra "Cao" é usada como singular de "Caos"

representação gráfica baseada símbolo do taoísmo⁴ e traz consigo a representação visual dos dois grandes princípios que foram descritos anteriormente. Para representar o princípio anerístico, há um pentágono, cujo a representação está primeiramente ligada ao professor e escritor Charles Hodge - e sua teologia sistemática-, a geometria, por se tratar de uma forma antiga de estudo que buscava encontrar a ordem na natureza através da matemática, e ao prédio sede do departamento de defesa dos Estados Unidos, um dos maiores edifícios de escritórios do mundo. Do outro lado, temos o princípio erístico sendo representado por uma maçã com a escritura *Kallisti* (ou καλλίστη), fazendo referência ao mito mais famoso da deusa Éris (THE YOUNGER, 2007).

Figura 2: O Cao Sagrado



Fonte: *Principia Discordia* (2017)

3. A Iluminação *nonsense* e (des)organizações discordianas.

Cada grande religião conhecida gira em torno de um objetivo para com seus adeptos. Algumas tem como objetivo a salvação das almas dos seus seguidores, buscam algum tipo de vida após a morte ou guiam seus adeptos a se tornarem uns com o universo. O discordianismo não foge a este padrão, pois é através dele que erisianos são guiados na busca da iluminação. Para os erisianos, esta Iluminação ocorre quando o homem se liberta das amarras da maldição do caracinha que é apresentada pela primeira vez no *principia discordia* (2017) como outra narrativa mitológica. O mito do Caracinha diz que:

um cérebro-torto infeliz de nome Caracinha, enfiou na cabeça a idéia de que o universo era tão sem humor quanto ele, e ele começou a ensinar que diversão era pecaminosa

⁴ O Taoísmo é uma religião Desenvolvida a partir da filosofia oriental, conhecida como Tao, criada na China a partir dos ensinamentos de Lao Tse. O Yin-yan é símbolo do taoísmo e representa a ideia de dualidade presente nas coisas do universo. (DIAS, 2018)

porque ela contradizia os caminhos da Ordem Séria. "Olhem para toda a ordem em volta de vocês", ele disse. E a partir disso, ele enganou os homens honestos e os fez crerem que a realidade era um negócio duro e direto e não o romance feliz como os homens a conheciam. [...] seus seguidores levavam o jogo de jogar com a vida mais a sério do que eles levavam a própria vida e eram conhecidos até por destruir outros seres vivos cujas maneiras de viver eram diferentes das deles. O infeliz resultado disso é que a humanidade tem, desde então, sofrido de um desequilíbrio psicológico e espiritual. Desequilíbrio causa frustração, e frustração causa medo. E medo dá uma viagem ruim. O homem tem estado numa viagem ruim por um longo tempo. Isso é chamado A MALDIÇÃO DO CARACINZA. (THE YOUNGER, 2017, p00042)

O que é proposto para os erisianos é o *nonsense*⁵ como forma de salvação, pois ao parar de enxergar as coisas de uma maneira tão séria e abraçar o caos do mundo é o que um dia irá fazer com que os seres humanos não fiquem tão presos em seus problemas. (THE YOUNGER, 2017)

Como visto anteriormente nas palavras de The Younger (2017), para eles a vida se resume muitas vezes na arte de jogar com conceitos, e por viverem em um mundo majoritariamente comandado pela ordem, a iluminação erisiana fica cada vez mais próxima quando uma pessoa se envolve com os jogos de desordem visando alcançar a liberdade.

Quando essa tão almejada liberdade for atingida o homem será capaz de jogar com os jogos da ordem e mudar eles a vontade, jogar com os jogos da desordem só pela diversão de fazer isto e caso queira, ele pode se abster de jogar ambos. E assim jogar com a vida sem medo e, portanto, sem frustração, e então ele finalmente vai poder viver com o bem em sua alma e o amor em seu ser. (THE YOUNGER, 2007) Esta é a iluminação erisiana.

Por conta deste modo de pensar erisiano é que vemos o humor sendo tratado de forma tão forte no discordianismo, e esse humor é aparentemente a forma mais escolhida para guiar alguém no caminho da iluminação, o que geralmente acontece através dos *koans*⁶ discordianos, uma prática adotada e adaptada do budismo-zen.

Assim como na religião oriental, estas pequenas narrativas são em grande parte responsáveis por guiar os erisianos no caminho da iluminação, seja questionando os princípios anerísticos ou abrindo um leque de interpretações para o leitor, os *koans* estão espalhados pelas páginas de seu livro sagrado e muitas vezes são a forma em que os discordianos contam a sua

⁵ Substantivo em inglês que significa algo absurdo ou contrário a lógica.

⁶ Pequenas narrativas comuns no budismo zen que são em sua maioria enigmáticas e contém aspectos inacessíveis a razão

interação com a própria deusa.

Percebe-se também que outra forma que os discordianos buscam para manifestar o humor é em seu esforço para dar nomes as coisas de forma que causem algum tipo de conflito, seja por sua irreverência ou por sua aparente falta de sentido. Devido a isto os erisianos se esforçam bastante ao brincar com as palavras em seus textos, falas e nomes sagrados. “Discordianos têm uma tradição de assumir NOMES SAGRADOS. Isso não é exclusivo do Erisianismo, é claro. Imagino que o Papa Paulo seja o filho do Sr. E da Sra. VI?” THE YOUNGER, 2017, p.00035).

As cinco leis máximas dos discordianos aparentam um conjunto de regras sem sentidos e puramente humorísticas, mas quando analisadas sob a ótica discordiana do *nonsense* como salvação se mostram um resumo do que esta religião representa. As cinco leis encontradas no *Principia Discordia* (2017) são chamadas de “pentaroto” e serão escritas abaixo na íntegra:

SAIBA DISTO Ó HOMEM DE FÉ: **I** - Não há Deusa além da Deusa e ela é a Sua Deusa. Não há Movimento Erisiano além do Movimento Erisiano. E todo Carvão da Maçã Dourada é o lar doce lar de um Bichinho Dourado. **II** – Um Discordiano Deve Sempre usar o sistema Oficial de Numeração de Documentos Discordiano. **III** - Um Discordiano Necessita, no início de sua Iluminação, Sair Sozinho & Alegremente Degustar de um Cachorro Quente em uma Sexta-Feira; esta Cerimônia Devocional Protesta contra os Paganismos populares destes Dias: do Cristianismo Católico (nada de carne na Sexta-Feira), do Judaísmo (nada de carne de porco), dos Povos Hindus (nada de carne de Boi), dos Budistas (nada de carne de animais), e dos discordianos (nada de pães de Cachorro Quente). **IV** – Um discordiano não deve degustar nenhum Pão de cachorro quente, pois tal foi o Consolo de Nossa Deusa quando confrontada com a esnobada Original. **V** – Um discordiano é Proibido de Acreditar Naquilo que lê. (THE YOUNGER, 2017, p.00004)

Estas máximas, propostas claramente como uma sátira aos Dez Mandamentos do cristianismo, deixam claro o caráter erisiano de contradizer as grandes ordens estabelecidas e também o próprio discordianismo. Deixando a entender que um ser humano uma vez que iluminado estará livre para aceitar ou negar todas as regras que lhe foram impostas, inclusive estas, o que reforça o valor da iluminação para o adepto.

Em prol de disseminar seus ideais, os discordianos se unem (ou se separam) de uma forma bastante peculiar, mas seria um tanto equivocado afirmar que o Discordianismo tem uma organização formal, já que a própria ideia de formalidade vai contra alguns dos principais ideais desta religião, porém conseguimos encontrar alguma estrutura básica dentro do culto erisiano.

O Maior grupo é chamado de Sociedade Discordiana, segundo The Younger, “A Sociedade Discordiana não tem definição. Eu penso neles como uma desorganização de Malucos por Éris.[...]”

Você pode consolidar o que bem entender.” (THE YOUNGER, 2017, p00032). Neste grupo aparentemente estão todos aqueles que reconhecem a deusa e a buscam de alguma forma. Dentro da sociedade Discordiana há os *Episkopos*, que são aqueles que optam por uma autonomia total e criam a sua Cabala Discordiana, que pode ser formada por um ou mais adeptos. E por fim, temos a Legião da Discórdia Dinâmica, cujo os membros são chamados de Legionários. Este grupo é formado pelos adeptos que optam por não criar a sua própria cabala, mas sim participar de alguma já existente. (THE YOUNGER, 2017)

As cabalas discordianas mencionadas anteriormente são as organizações (ou desorganizações, como proposto por eles) religiosas formadas pelos *Episkopos*. Elas podem ser formadas por um grupo de adeptos ou por apenas uma pessoa, já que o número de membros não altera em nada a legitimidade de uma cabala perante as outras. Outro ponto importante é que cada cabala é autônoma e independente, sendo assim é livre para criar e disseminar seus próprios dogmas, rituais e ideais érisianos, mas o que aparentemente todas tem em comum é a figura central de Éris como divindade.

Para exemplificar uma cabala traremos aqui de forma objetiva a POEE, cujo o nome é um acrônimo para A Parateo-Anametamisticalidade de Éris Esotérica “A primeira parte pode ser interpretada como divindade equivalente, revertida além do misticismo Nós não somos esotéricos de verdade, é só que ninguém presta muita atenção na gente.” (THE YOUNGER, 2017, p.00022).

A POEE é a cabala mais citada no *Principia Discordia*, - provavelmente por ter como membro o próprio Malaclypse, que assumia o posto de Alto Sacerdote-, e seu símbolo oficial é a mão de cinco dedos de Éris, que pode ser qualquer representação de duas flechas vindo de caminhos opostos e convergindo em um ponto principal, como pode ser visto na imagem abaixo:

Figura 3 - Mão de cinco dedos de Éris



Fonte: *Principia Discordia* (2017)

A POEE tem 5 degraus em sua estrutura e cada um tem seus próprios direitos, são eles: O Neófito

ou Discípulo Legionário, o Diácono Legionário, O Sacerdote\Sacerdotisa ou Chapelão, O Alto Sacerdote\polipadre e o =Papa= da POEE. (THE YOUNGER, 2017)

DISCÍPULOS LEGIONÁRIOS da POEE estão autorizados a iniciar terceiros como Legionários da Sociedade Discordiana. SACERDOTES indicam seus próprios DIÁCONOS.O POLIPADRE ordena Sacerdotes. E eu não sei nada sobre os =PAPAS= (THE YOUNGER, 2017 (p.00022)

Sobre os Papas há algumas considerações a se fazer. O *Principia Discordia* traz em suas páginas um cartão de Papa semelhante a um cartão de visitas, onde informa que o portador é um Papa genuíno e autorizado, mas que também contém em letras miúdas a frase “Todo homem, mulher e criança nesta terra é um Papa genuíno e autorizado. Assim *por favor* trate-o bem”. (THE YOUNGER, 2017, p.00036) Não se há mais explicações dos poderes de um Papa além de um escrito rabiscado afirmando que um Papa é alguém que não está sob a autoridade das autoridades.

Como cada *episkopo* pode criar a sua cabala sob seus dogmas e crenças singulares, se torna uma tarefa extremamente complexa estimar um número aproximado de quantas existem ou ainda mais cataloga-las, pois elas não necessariamente precisam ser públicas. Por sorte, há alguns locais em que podemos observar - principalmente em fóruns online - algumas cabalas discordianas que decidiram se tornar públicas na internet. Um exemplo disto é a Sessão de cabalas no fórum online da FNORD⁷, que convida os discordianos a postarem as suas cabalas para que as mesmas possam ser reconhecidas por outros adeptos que estão à procura de algum tipo de filiação.

4. Discordianismo é religião?

Mesmo fugindo do tom sério da grande maioria das religiões estabelecidas e estudadas academicamente, podemos observar que o discordianismo possui várias características que fazem parte do que seria uma religião para alguns pensadores das Ciências Sociais, em particular da Antropologia.

Vimos na segunda sessão deste artigo que os erisianos possuem uma figura divina central chamada de Éris, a deusa grega da discórdia, que se revelou por meio de um sonho para os fundadores do Discordianismo. Tomando como base a teoria de Eliade (1992), se este sonho

⁷ FNORD, Fnord.Forumeiros, 2021, sessão de cabalas do site da fnord. em: <<https://fnord.forumeiros.com/f12-cabalas>>. Acesso em 07 de jul. de 2021

aconteceu de forma literal, podemos dizer que ele é uma manifestação do sagrado no mundo, o que o configura como uma *hierofania*. Caso este sonho seja apenas mais uma narrativa mítica do *Principia Discordia* (2017), ainda está no campo sagrado dos mitos (ELIADE,1992), e, portanto, passa a ser verdade para um adepto do discordianismo. Também podemos perceber conjunto de símbolos que invocam reverência e fazem referência a deusa em alguma instância, - como por exemplo a maçã no Cao Sagrado-, que podem ser explicados dentro da própria visão de mundo discordiana sob os preceitos erísticos e anerísticos. Se não fizermos nenhum juízo e lembrarmos que após ser imbuída em fé uma ação deixa de ser pertencente ao mundo profano e passa a pertencer ao mundo sagrado, vemos que os rituais, outro ponto ressaltado por Eliade (1992), mesmo parecendo piadas - vide o cachorro quente -, são validos e levam em conta a visão de mundo erisiana. Como por exemplo o sistema de numeração discordiano descrito nas cinco leis fundamentais, que pode ser visto em todas as citações diretas do *Principia Discordia* neste artigo por estarem presentes desta mesma forma em sua publicação.

Sobre sua estrutura, o Discordianismo tem suas características de origem e condição relacionadas a ideia de culto trazida por Giddens (2008), pois a religiosidade tem um grande papel focado principalmente no indivíduo e não a um grande grupo de fiéis, além de não ser requerido ao erisiano uma exclusividade religiosa, pois segundo o próprio The Younger (2017) um discordiano pode tranquilamente seguir outro caminho religioso em conjunto se achar necessário.

Então se analisamos este culto como um todo e levamos em conta a visão de mundo dos erisianos, vemos que mesmo que a forma de se expressão não seja tão séria, que sua mitologia não tenha um comprometimento histórico e sua organização pareça não fazer muito sentido, todos os aspectos do discordianismo estão relacionados com a sua idéia base que visa empoderar e emancipar os seres humanos através da adoração a Éris, guiando o adepto a um caminho maior onde ele possa se aproximar cada vez mais da liberdade e da deusa.

Esta interação do discordiano com a deusa que habita um plano não-terreno é muitas vezes descrito de forma direta, e, segundo Eller (2018) este relacionamento do ser humano com forças ou seres muitas vezes sobrenaturais, é o que chamamos de religião.

5. Conclusão:

O Discordianismo é um culto moderno que tem como objetivo livrar o homem da maldição

do Caracenza e alcançar a liberdade através da adoração à deusa grega Éris, e a proposta deste artigo foi, como dita na introdução, analisar este culto sob a ótica das Ciências Sociais e apresentar um conjunto de ideais e crenças erisianas.

Neste artigo foram resgatados alguns pontos do fenômeno religioso trabalhados nas ciências sociais, em particular a Antropologia; Através das palavras de Anthony Giddens, vimos os quatro pontos importantes do que não é religião, mostrando que religião não é uma crença em um único deus, não devem significar apenas os preceitos morais que devem ser seguidos pelos seus adeptos, não necessariamente precisa explicar a origem do mundo e que não precisa necessariamente estar ligada ao sobrenatural. Também foi apontado as coisas em comum que as religiões costumam ter, como por exemplo um conjunto de símbolos e de rituais. Ainda com Giddens apontamos as várias formas de organização religiosa, sendo elas; as igrejas, as seitas, as denominações religiosas e os cultos. Já com Mircea Eliade, nos aprofundamos em dois tipos de mundo, o sagrado e o profano e em como o *homo religiosus* conhece estes mundos através da *hierofania* e se porta frente a ela.

Tomando como base o *Principia Discordia* como objeto de estudo, também foi trazido a história do nascimento do discordianismo através de um encontro onírico com a deusa grega Éris, juntamente com a descrição da deusa da discórdia e seu mito sobre como a guerra de troia foi desencadeada com o rolar de uma maçã. Além disto, nos aprofundamos na discussão dos fundamentos que pautam a visão de mundo discordiana, os princípios Erísticos e Anerísticos que trazem um novo ponto de vista sobre ordem e desordem e sobre a busca erisiana da Verdade (com V maiúsculo), refletindo sobre o cao sagrado, o símbolo do discordianismo e a chave para a sua iluminação.

Neste trabalho, também nos debruçamos sobre a iluminação através do *nonsense*, que é a maneira do erisiano se libertar da Maldição do Caracenza, e também apontamos os cinco mandamentos do discordianismo. A sociedade Discordiana, os *Episkopos* e as Cabalas também foram, na medida do possível definidos neste artigo, trazendo exemplos do que seria uma cabala e trazendo uma indicação de onde podemos encontrá-las online, o que pode ser muito útil para análises futuras.

Estas informações serviram como base para discutir se o discordianismo era de fato uma

religião ou não, buscando confrontar as teorias das Ciências Sociais, em particular a Antropologia, vistas na primeira sessão do artigo com a estrutura do Discordianismo trazida nas sessões dois e três.

Toda esta análise exploratória foi feita através de forma documental, por falta de trabalhos acadêmicos em português que abordem este tema, foi usado como fonte o *Principia Discordia*, o texto sagrado do Discordianismo, e as sínteses feitas aqui não substituem a leitura do mesmo, pois o livro é escrito de uma forma artística e não linear, com frases fora de ordem e figuras que trazem um impacto na leitura.

Tomando como base o que foi trabalhado neste artigo, vemos que o discordianismo se configura sim como uma religião, sob a visão da Antropologia, se estruturando na forma de um culto que reconhece a deusa grega Éris como guia. Mas, é importante atentar que nada impede um discordiano, - como um artista moldador de conceitos -, de abraçar somente a ideia do que Éris representa e trabalhar o discordianismo como ele bem entender.

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, este artigo não é de forma alguma uma análise completa do discordianismo, por conta disso é necessário que mais trabalhos sobre o tema sejam elaborados para que possamos entender esta religião como um todo, principalmente levando em conta a visão dos próprios discordianos sobre suas práticas e convicções.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega Vol 1**. Petrópolis: Vozes, 1987.

DIAS, Fabiana. **TAOISMO**. Educa Mais Brasil, 2018. Disponível em:
<<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/taoismo>>. Acesso em: 07 de jul. de 2021

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**; [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELLER, Jack David. **Introdução á antropologia da religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIDDENS, A. **Sociologia** (6ª Edição ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PALS, Daniel L. **Nove Teorias da Religião**; Tradução de Caezar Souza, - Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. - (Coleção Antropologia)

THE YOUNGER, Malaclypse; Ferreira (tradutor), Vinicius; Andrade (tradutor), Livia (2017) [1965]. Escrito em Brasil. Andrade, Livia, ed. **Principia Discordia** 1 ed. São Paulo: Editora Penumbra, 2017